

Rede Miquéias

Contexto

A prisão dos trabalhadores de Shelter Now no Afeganistão, em agosto de 2001, por “fazer proselitismo”, atraiu intenso interesse dos meios de comunicação sobre a maneira como a ajuda cristã e as organizações para o desenvolvimento cristão trabalham em um país que não tem liberdade religiosa. Na cobertura realizada houve, na maior parte, críticas. As organizações cristãs eram vistas como culpadas, ora por manipularem a fragilidade das pessoas para induzi-las a mudar de religião, ora por esconderem suas verdadeiras intenções das autoridades. Este documento procura dar aos membros da Rede Miquéias alguns direcionamentos sobre este tema.

Definindo “proselitismo”

A definição de “proselitismo”, segundo o dicionário, se refere somente à conversão de uma opinião, credo ou partido para outro. Porém, membros de diversas tradições religiosas, da comunidade internacional de desenvolvimento, e dos meios de comunicação entendem que proselitismo implica uma manipulação injustificada e o uso de técnicas coercitivas ou forças para conseguir uma conversão.

Esta declaração de políticas sobre o proselitismo explora esta visão mais ampla de seu significado.

Ainda que admitamos que alguns cristãos têm sido culpados por fazer proselitismo neste sentido amplo, nós cremos que esta prática é desconforme com os ensinamentos do Novo Testamento sobre a conversão.

Jesus, decidida e firmemente, repudiou o uso de qualquer tipo de coerção no estabelecimento de seu reino quando foi tentado no início de seu ministério. Depois de sua ressurreição Jesus enviou seus discípulos ao mundo, cheios do Espírito Santo e sem nada além da mensagem do Evangelho, dos ensinamentos das obras de amor e de sinais milagrosos. O Novo Testamento rejeita claramente o uso da força humana, em qualquer de suas formas, como meio para conseguir a conversão de qualquer pessoa em qualquer circunstância.

Evangelização, conversão e proselitismo

Nós, como membros da Rede Miquéias, cremos existir para demonstrar e anunciar as Boas Novas do amor de Deus através de Jesus Cristo, e temos a esperança e o desejo de ver vidas transformadas como resultado de um encontro pessoal com Jesus.

Esta declaração explica como nossa visão de evangelização e conversão diferem do proselitismo manipulador e coercitivo.

Declaração

Apesar de termos o desejo de ver mais pessoas vindo a ter uma relação pessoal de fé com Jesus Cristo, nós rejeitamos qualquer tipo de proselitismo manipulador ou coercitivo como meio para propagar a fé cristã.

É completamente inaceitável explorar a fragilidade das pessoas com o objetivo de colocar pressão sobre elas para que se convertam a nossa religião. As conversões que são conseguidas dessa forma são geralmente superficiais e não agregam nada de novo nem ao convertido, nem à fé cristã em geral.

Existe uma diferença crucial entre prover ajuda com o objetivo de pressionar pessoas que estão em necessidade a se converterem; e prover ajuda com a esperança e o desejo, orando, para que quem receba auxílio venha a conhecer e crer em Jesus Cristo.



Nós fazemos questão de registrar o Código de Conduta para o Movimento Internacional da Cruz Vermelha e da Meia-Lua Vermelha e as organizações de ajudas humanitárias,* o qual diz que a ajuda não será usada como meio para favorecer nenhuma posição política ou religiosa em particular. O respeito de toda tradição política ou religiosa, por parte das organizações compromissadas com este código devem ser rigorosamente monitorados.

Nós não contribuimos dando ajuda humanitária para aqueles que têm necessidade dela porque queremos evangelizá-los, mas sim porque é nosso chamado cristão dar ajuda humanitária aos necessitados. Onde existe liberdade para evangelizar, o nosso chamado de ajudar aos necessitados não é afetado.

Nós não cremos que é possível desassociar o que somos como cristãos daquilo que fazemos. Estamos preparados a aceitar as restrições postas sobre nós por parte de governos que nos advertem de tomar a iniciativa de compartilhar nossa fé com aqueles a quem servimos.

Contudo, cremos que os governos não têm o direito de nos deter quando nos pedem uma explicação sobre nossa fé e nós respondemos de maneira sincera e honesta. Se alguém nos pergunta por que estamos servindo-lhe temos o direito de dizer que é por obediência a Jesus Cristo e em resposta ao seu amor.

Outras tradições e grupos religiosos, diferentes da fé cristã, apreciam a sinceridade e honestidade, portanto, esperamos que estas virtudes sejam igualmente respeitadas, partindo dos cristãos. O desafio para nós, como cristãos, é estar seguros de que nossa motivação para servir ao pobre reside em nossa obediência e amor a Cristo.

Nós cremos que não é razoável que alguns governos esperem que não nos comportemos como cristãos quando servimos a pessoas pobres em seus países. Orar e ler a Bíblia de maneira privada e com outros cristãos são atividades fundamentais para nossas vidas como cristãos. Por isso, deveriam nos permitir ter uma quantidade razoável de Bíblias e outros tipos de literatura cristã. Também deveríamos ser livres para nos reunirmos com outros cristãos, o que é natural e bom para nossa comunhão e adoração.

Nós cremos que, onde existir uma comunidade cristã, não importa quão pequena seja, é razoável que seja permitido aos prestadores de ajuda que não pertencem a essa comunidade que se reúnam com seus iguais. Reconhecemos a importância crucial de sermos sensíveis à posição da igreja local e de se fazer todo o possível para evitar qualquer coisa que torne sua posição neste contexto mais difícil do que já é.

Nós seremos muito abertos com respeito à nossa identidade cristã e motivação quando buscarmos entrar oficialmente em países que restringem a atividade cristã, para poder servir aos necessitados que ali se encontram. É nossa intenção sermos abertos quanto às nossas ações e motivações, e sermos capazes de nos defender de qualquer acusação de proselitismo manipulador ou coercitivo graças a nossa transparência.

Uma vez que buscamos transparência em nosso relacionamento com todo governo, admitimos que muitas vezes as organizações locais têm dificuldade para agir da mesma forma.

Nós repudiamos toda atitude de coerção na conversão de pessoas, assim como, quando as mesmas caminham em sua fé. Como cristãos nós afirmamos os princípios da liberdade de religião e da tolerância a diferentes credos. Esta compreensão surge de nossa visão bíblica da humanidade e da natureza da missão cristã tal qual foram demonstradas por Cristo e seus apóstolos.

Nós entendemos como as pessoas fielmente religiosas de diferentes denominações se sentem ao constatar que esta mesma liberdade pode levar a uma falta de compromisso religioso em muitos países ocidentais. Todavia, nós seguimos crendo que ser religioso por opção tem maior valor do que ser religioso por imposição.

Nós nos submetemos ao artigo 18 do Pacto Internacional de Direitos Civis e Políticos, no qual se diz: “Toda pessoa tem direito a liberdade de pensamento, de consciência e de religião; este direito inclui a liberdade de ter ou de adotar a religião e suas crenças, individual ou coletivamente, tanto em público como em particular, mediante culto, celebração dos ritos, práticas e os ensinamentos”.

Conclusão

Crendo que Deus o Pai nos tem chamado para servir às pessoas pobres no nome de Jesus e no poder do Espírito Santo, estamos preparados para irmos a qualquer lugar a fim de cumprir nosso chamado.

Nós não escondemos o fato de que vamos como servos de Jesus Cristo. Contudo, reconhecemos que todos nós levamos conosco pesos e aspectos de nossa cultura que estão profundamente distanciados de Deus. Nossa oração é que, à medida que servamos, possamos enxergar e deixar estas coisas nocivas de nossa cultura e que as pessoas as quais servirmos possam ser capazes de discernir entre o distanciamento cultural de Deus por causa de nossa cultura e os valores cristãos que ensinam e formam nossas vidas e nossas práticas.

Nota

* A parte mais relevante deste Código é a seção 3: **“A ajuda não será usada como meio para favorecer nenhuma posição política nem religiosa em particular.** A ajuda humanitária se firmará de acordo com as necessidades dos indivíduos, das famílias e das comunidades. Independentemente do direito das Organizações Não Governamentais de Ajuda Humanitária (ONGAH) de apoiar, adotar ou promover algum ponto de vista político ou religioso, nós afirmamos que a ajuda que prestaremos não dependerá da adesão dos possíveis receptores da mesma a esses pontos de vista. Nós não vincularemos a promessa, a prestação ou distribuição de ajuda ao fato de aceitar ou se afiliar a uma determinada doutrina política ou religiosa”.

Origem: Revista Mãos Dadas Edição 21 “Amor versus proselitismo”.